

**COMPETÊNCIAS EMOCIONAIS E COMPORTAMENTOS FISICAMENTE
ABUSIVOS**

EMOTIONAL SKILLS AND PHYSICALLY ABUSIVE BEHAVIOURS

Cláudia Martins¹, Paulo Alves¹, Susana Lucas¹ & Veiga Branco²

¹I.S.E.I.T – Instituto Piaget, Campus Universitário de Viseu - Portugal

Contatos para correspondência:

claudiarafaela4@sapo.pt, pauloalves@viseu.ipiaget.org, suzanalucas@gmail.com

Estrada do Alto do Gaio, Galifonge, 3515-776 Lordosa - Portugal

²Instituto Politécnico de Bragança – Portugal

Contato para correspondência:

aubra@ipb.pt

Resumo

A Inteligência Emocional (QE) alcançou, nas últimas três décadas, uma incontornável notoriedade no contexto da investigação psicológica (Joseph & Newman, 2010). Destaca-se, neste contexto, o trabalho de Daniel Goleman que promoveu esta linha de investigação, afirmando o reconhecimento das emoções, a sua catalogação e evocação como o primado da Inteligência Emocional (Goleman, 2003). Neste sentido, o espaço de intervenção da Inteligência Emocional afirma-se no contexto da violência conjugal enquanto mecanismo preventivo de conflitos, fomentando competências emocionais, tanto nas vítimas como nos agressores. Este estudo procurou verificar a existência de relações entre as capacidades de reconhecimento, discriminação e gestão das emoções em mulheres vítimas de violência conjugal. Foram avaliadas 32 vítimas de violência conjugal, em contexto de apoio no Gabinete de Apoio à Vítima, na APAV-Porto, através da aplicação de um *Questionário do Historial de Comportamentos Violentos*, o *Inventário de Violência Conjugal* (Machado, Matos & Gonçalves, 2006) e a *Escala Veiga de Competência Emocional* (Veiga Branco, 2005). Os resultados apontam para uma relação moderada, com sentido negativo, entre as capacidades de discriminação e gestão das emoções e os comportamentos fisicamente abusivos, permitindo concluir que níveis mais baixos de capacidades de reconhecimento, gestão e discriminação das emoções se relacionam com maior impacto de vitimação e maior frequência dos crimes.

Palavras-Chave: Competências Emocionais; Violência Conjugal; Vítimas.

Abstract

Emotional Intelligence (EI) has reached the last three decades, an undeniable notoriety in the context of psychological research (Joseph & Newman, 2010). It is noteworthy in this context, the work of Daniel Goleman who promoted this line of research, saying the recognition of emotions, their cataloguing and recall as the rule of Emotional Intelligence (Goleman, 2003). In this sense, the sphere of action claims Emotional Intelligence in the context of domestic violence as a mechanism of conflict prevention, promoting emotional competence both in victims as well as in aggressors. This study has tried to prove the existence of relations between recognition skills, discrimination and management of emotions in women victims of conjugal violence. We have assessed 32 victims of domestic violence in the context of supporting the Office of Victim Support in APAV - Porto, through the application of a *Questionnaire of the History of Violent Behaviour*, the *Inventory of Marital Violence* (Machado, Matos & Gonçalves, 2006) and the *Veiga Scale of Emotional Skills* (Veiga Branco, 2005). The results indicate a moderate relationship with the negative sense of discrimination between the skills and management of emotions and physically abusive behaviour, allowing the conclusion that lower levels of recognition skills, management of emotions and discrimination are related to greater impact of victimization and greater frequency of crimes.

Keywords: Emotional Skills; Domestic Violence; Victims.

COMPETÊNCIAS EMOCIONAIS E COMPORTAMENTOS FISICAMENTE ABUSIVOS

INTRODUÇÃO

A Inteligência Emocional (QE) alcançou, nas últimas três décadas, uma incontornável notoriedade no contexto da investigação psicológica (Joseph & Newman, 2010). Os fundamentos podem ser encontrados na década de 80, quando assistimos ao aparecimento de novas delimitações conceptuais relativas às propriedades da inteligência. Rompendo com a tradição mais psicométrica, Robert Sternberg e Howard Gardner (1988) propõem um posicionamento mais amplo e pluralista, abrindo o conceito de inteligência a todo um conjunto de múltiplas aptidões de natureza afectivo-emocional.

Neste contexto, destaca-se o contributo de Peter Salovey e Jonh Mayer (1990), sendo dos que mais investiram na definição e operacionalização da Inteligência Emocional. Além das competências cognitivas (QI) o modelo, por eles proposto, avança pelo estudo das dimensões da personalidade ligadas à consciência. Daniel Goleman (1995) acolhe esta linha de investigação, trabalha-a e divulga-a como dimensão que integra cinco capacidades específicas com características diferentes, atendendo a que perscrutam diferentes dimensões do humano, designadamente:

- ***Conhecer as próprias emoções*** – reporta-se à autoconsciência de saber o que se está a sentir no momento e a forma como se orientam as preferências nas decisões, conseguindo, por esta via, uma avaliação realista das habilidades pessoais e um apurado sentido de autoconfiança;
- ***Gerir as emoções*** – capacidade de lidar com as próprias emoções, de modo que elas facilitem a tarefa a desenvolver, assim como estar consciente e adiar gratificações para perseguir objectivos e recuperar bem de perturbações de carácter emocional;
- ***Automotivação*** – competência relacionada com a mobilização das emoções para o alcance de um determinado objectivo, enquanto facilitadora da tomada de iniciativas e suporte da persistência face a obstáculos e a frustrações;
- ***Reconhecer as emoções dos outros*** – consciência daquilo que as outras pessoas estão a sentir, sendo capaz de compreender e acolher as suas perspectivas;
- ***Gerir os relacionamentos*** – aptidão para gerir as emoções dos outros, interagir assertivamente, usando esta habilidade para persuadir e liderar, negociar e solucionar desentendimentos, apostando na cooperação e no trabalho em grupo.

As últimas décadas acabariam por destacar uma multiplicidade de capacidades à disposição dos indivíduos e lançar permanentes desafios à “perfeição” no seu desempenho e na sua forma de estar. Assim, tanto ou mais do que o *Quociente Intelectual (QI)* a atualidade evoca o *Quociente Emocional (QE)* como um poderoso recurso na prestação comportamental dos indivíduos, no rendimento profissional, assim como na avaliação e selecção dos recursos humanos. As capacidades emocionais são reconhecidas como aquilo que confere ao sujeito a habilidade de agir com eficácia em situações que implicam elevado discernimento, sensibilidade e autocontrolo.

O reconhecimento das próprias emoções, a catalogação e sua evocação afirmam-se como o primado da Inteligência Emocional (Goleman, 2003). Assim, a discriminação emocional passa a entender-se como a capacidade de discernir estímulos, entre os quais se encontram as disposições afectivo-emocionais (González-Pérez & Criado, 2003). Concomitantemente, o conhecimento das emoções abrange a discriminação das mesmas: desde as emoções mais primárias, tais como a raiva, o medo, a alegria e a aversão; até às mais complexas, tais como as combinações de emoções, mudanças de emoções e a associação com acontecimentos sociais que as provocam (Noronha et al, 2007; Batista & Freitas-Magalhães, 2010). Destaca-se ainda a capacidade de gerir as emoções que se reconheceram, não apenas ao nível comportamental, observável, mas a partir do íntimo de si próprio. Possuidor de uma alta percepção do que consegue controlar, o indivíduo cria estratégias para se afastar cognitivamente e afectivamente da fonte conflituante, controlando-se no seio de ambientes provocatórios. Recebe conscientemente o ciclo de pensamentos hostis, construindo um discurso autoreparador, procurando distrações, relaxando, sempre com a finalidade de se autodistanciar do estado negativo, a fim de poder raciocinar melhor. Busca e serve-se do autocontrolo com o objectivo de melhorar o clima inter-relacional (Branco, 2005).

Ora, é a partir deste contexto inter-relacional que identificamos a violência conjugal, enquanto manifestação dos actos agressivos graves, que são infligidos conscientemente por um elemento do casal ao outro, podendo traduzir-se em agressões físicas, psicológicas, sociais ou económicos, chegando por vezes à situação de homicídio (Marques, 2009). Conscientes de que qualquer pessoa, independentemente do sexo ou idade, tem maiores probabilidades de vir a ser atacado dentro de casa, do que propriamente na rua (Ferreira, 2005) é particularmente difícil prever o tipo de famílias que podem ser mais vulneráveis à violência, até pela vastíssima diferença de situações:

enquanto numas se reporta a um episódio único, noutras é rotineiro, especialmente em momentos de stress (Hollin, 2001).

À semelhança dos resultados internacionais, as investigações desenvolvidas em Portugal (Lourenço, Lisboa & Pais, 1997; Pais, 1998; Machado, Matos & Moreira, 2003; Machado, 2005) reiteram a extensão preocupante da violência na intimidade conjugal. Ao mesmo tempo, os autores que estudam o fenómeno e os clínicos que nele intervêm são unânimes no reconhecimento dos elevados custos que esta forma de vitimação acarreta, designadamente no domínio da saúde física e psicológica. De facto, apesar das implicações serem mediadas por um conjunto de factores (severidade, frequência, contexto do abuso), a investigação tem documentado, de forma suficientemente ampla, o impacto psicológico que decorre de uma experiência deste tipo: medo, dificuldades em tomar decisões, perda de apetite ou alterações no sono, isolamento, percepção de falta de controlo, distúrbios cognitivos, humor deprimido e hiper-vigilância (Machado, Matos & Gonçalves, 2006; Pinto, 2009).

A violência conjugal assume-se, portanto, como um problema de saúde emergente, com repercussões graves ao nível da saúde física e mental das vítimas (Blázquez & Moreno, 2008). A violência contra as mulheres aparece associada a parâmetros culturais, concretamente dos efeitos prejudiciais de algumas práticas tradicionais e de todos os actos de extremismo relacionados com a raça, o sexo, o idioma ou a religião, que perpetuam a condição inferior da mulher na família, no trabalho e na sociedade. Isto sucede de tal forma, que a mulher assume determinadas capacidades que a situam de modo automático num grau de dependência emocional e a convertem numa potencial vítima de maus-tratos. Entre essas dimensões assinalam-se a dependência, a baixa assertividade, a baixa auto-estima, escassas habilidades sociais, a insegurança, a passividade/submissão, diálogo (ao invés da imposição), a sensibilidade e a intuição que por vezes se convertem em perturbações psicopatológicas como a depressão e ideação suicida.

O espaço de intervenção da Inteligência Emocional afirma-se neste contexto, enquanto mecanismo preventivo de conflitos que terminam em violência conjugal, fomentando habilidades emocionais, tanto em vítimas como em agressores. Norteados por esta convicção Blázquez e Moreno (2008) investiram num estudo que se debruçou sobre a revisão bibliográfica relativa à relação entre a violência conjugal e a Inteligência Emocional. As conclusões apontam no sentido de que as limitações psicológicas e comportamentais, quer da vítima quer do agressor, estão muito relacionadas com os conceitos e componentes fundamentais da Inteligência Emocional.

No mesmo contexto, o estudo realizado por Winters et al (2004) debruçou-se sobre a relação entre os dois construtos (QE e VC) numa amostra de 44 homens agressores, que haviam sido submetidos a tratamento. Recorreram a uma bateria composta pelos instrumentos EQ-i (*Emotional Quotient Inventory*) e PAS (*Propensity for Abusiveness Scale*) e pelo *Balanced Inventory of Desirable Responding*, com o objectivo de medirem as habilidades e estratégias de coping adoptadas pelos agressores. Os resultados, deste estudo exploratório, indicaram que os homens agressores obtêm resultados significativamente mais baixos do que a população geral em todos os componentes da Inteligência Emocional. Os resultados deste inventário correlacionam significativa e negativamente com os resultados no PAS, sugerindo que os défices em vários componentes da inteligência emocional estão relacionados a um aumento na propensão de agressividade. Como violência conjugal pode ser interpretada como uma disfunção severa no comportamento relacional, então os componentes do QE podem ser relatados negativamente pelas mulheres vítimas, sendo que a literatura acerca dos homens casados comprova esta hipótese. Tal é visível no facto dos homens agressivos não serem assertivos e recorrerem à agressão e intimidação para obter aquilo que pretendem (Winters et al, 2004).

Goleman (1997) já tinha defendido que a pessoa vítima de violência doméstica tende a anular-se e a não procurar respostas para o seu problema. Intimida-se na tentativa de ser quem o agressor quer que seja, na esperança de que novos episódios de violência física ou emocional não se repitam. A incapacidade do ser humano em reconhecer as suas próprias emoções, as emoções dos outros, deixa-o à mercê delas. Aqueles que têm uma maior certeza relativamente aos seus sentimentos, acabam por gerir melhor as suas vidas. Esta capacidade decorre em muito do autoconhecimento.

A falta desta capacidade conduz a situações de angústia e a uma maior dificuldade em recuperar o equilíbrio emocional, tão necessário para o enfrentar das dificuldades com que se deparam diariamente. Segundo o mesmo autor, as famílias em que os episódios de violência doméstica ou maus tratos são uma constante, as vítimas e os agressores não demonstram possuir esta capacidade de controlo sobre as suas emoções, nem a facilidade em estabelecer relações interpessoais saudáveis e, portanto, dificilmente atingem a realização pessoal e a felicidade individual e familiar. Deste modo, os objectivos do presente estudo são verificar a existência de relações entre as capacidades de reconhecimento, discriminação e gestão das emoções, em mulheres vítimas de violência conjugal, e o impacto da vitimização, os comportamentos emocionalmente

abusivos, a idade das mulheres, a duração do relacionamento e a frequência dos maus tratos.

MÉTODO

Amostra

Trata-se de uma amostra não probabilística, constituída por 32 mulheres vítimas de violência conjugal que se encontram a frequentar o atendimento na APAV – Gabinete do Porto. Relativamente à idade dos sujeitos, que compõem a totalidade da amostra, optou-se pela divisão em duas faixas etárias (até aos 45 anos e com mais de 45 anos) em virtude de se tratar de uma amostra com idades muito diversificadas e com maior número de mulheres com idades inferiores a 45 anos (n=20; 62,5%).

Instrumentos

Para medir as dimensões da Inteligência Emocional (IE) utilizou-se a *Escala das Capacidades de Inteligência Emocional* construída e aferida por Veiga Branco (2005). É composta por um total de 85 itens, organizados em cinco grupos distintos, que segundo o material bibliográfico analisado (Goleman, 1995), empregava as cinco capacidades que integram o conceito de Inteligência Emocional.

Este instrumento inclui cinco categorias de contextos, perfeitamente diferenciados entre si: a autoconsciência; a gestão de emoções; a automotivação; a empatia e a gestão de relacionamentos em grupos. Encontram-se nestas 18 factores, onde aparecem situações hipotéticas, com o objectivo de avaliar o nível de identificação do sujeito com cada uma delas. A cada uma das situações, corresponde um ou mais conjuntos de expressões; a cada uma destas expressões corresponde uma escala de frequência temporal, que tem como objectivo identificar a frequência com que as atitudes ou comportamentos expressos são vivenciados pelos indivíduos.

Foi construído o *Questionário de Historial de Comportamentos Violentos* (QHCV) para esta investigação com o intuito de obter os dados sócio-demográficos assim como historiais de comportamentos violentos sofridos pela amostra em estudo, tais como: a idade, a dependência económica, a situação conjugal, a duração do relacionamento, a frequência dos maus tratos e o impacto percebido acerca da vitimação sofrida. O QHCV consiste num instrumento de recolha de dados específicos para a população em estudo, abrangendo a violência doméstica, através da indicação sumária do último episódio violento e dos seus motivos, os tipos de comportamentos violentos sofridos, a

posição nesses comportamentos, a periodicidade e a frequência dos maus tratos, o contexto e o impacto da vitimação sofrida.

Para avaliar a frequência dos crimes de violência conjugal recorreu-se ao *Inventário de Violência Conjugal* (IVC). Este instrumento está aferido por Machado, Matos e Gonçalves (2006) e reporta-se aos comportamentos conjugais violentos, tendo como objectivo identificar a vitimização e/ou perpetração desses comportamentos em relações conjugais. É composto por 21 itens, que envolvem dois tipos de crime: comportamentos fisicamente abusivos e comportamentos emocionalmente abusivos e de coerção/difamação. Relativamente a cada um dos comportamentos mencionados, este inventário está estruturado em duas partes: na parte A pede-se que os sujeitos que refiram se durante o último ano: a) os adoptaram no contexto da sua actual relação afectiva; b) o seu actual parceiro os adoptou em relação a si. Caso a resposta a qualquer uma das questões seja afirmativa, pergunta-se se esse comportamento ocorreu uma única vez ou mais do que uma vez. Na parte B do inventário este procedimento é repetido mas tendo em conta as relações afectivas anteriores dos sujeitos.

Procedimento

Logo após o início da investigação contactaram-se os autores das duas escalas anteriormente referidas e escolhidas para a realização da mesma, que atenciosamente as disponibilizaram. Para a recolha de dados foi contactado por carta o Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) do Porto, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, de modo a conseguir-se a devida autorização, através do preenchimento do protocolo de investigação para posterior tratamento estatístico. As vítimas deslocavam-se ao GAV para atendimento presencial e, neste contexto, ou no término do atendimento, foi solicitada a colaboração para o preenchimento dos instrumentos, bem como do consentimento informado que esclarecia os objectivos do estudo e garantia a confidencialidade dos dados.

O presente estudo é de carácter correlacional, sendo que este tipo de investigação tem como propósito averiguar se existe ou não relação entre duas ou mais variáveis quantificáveis, sem estabelecer uma relação “causa-efeito”. No entanto, o estabelecimento de uma correlação entre duas variáveis poderá ser utilizado na previsão dos valores de uma delas a partir do conhecimento dos valores da outra. O tratamento estatístico realizou-se através do *software* SPSS.18 (*Statistic Package Social Science*), para uma estatística descritiva e inferencial.

RESULTADOS

Primeiramente procurou aferir-se a relação entre as capacidades de gestão das emoções, autoconsciência e automotivação e o impacto da vitimização de violência conjugal. Através dos resultados obtidos, verificou-se que há uma relação moderada, com sentido negativo, entre os níveis de gestão das emoções, autoconsciência e automotivação e o impacto da vitimação.

Posteriormente procurou testar-se a existência de uma relação entre as capacidades de gestão das emoções, a autoconsciência e a automotivação e os comportamentos emocionalmente abusivos. Os resultados apontam para uma relação moderada entre as capacidades de gestão das emoções, autoconsciência e automotivação e os comportamentos emocionalmente abusivos; de igual forma, encontrou-se uma correlação moderada entre os comportamentos fisicamente abusivos e a capacidade de gestão de emoções, autoconsciência e automotivação.

Quadro 1.1 – Coeficiente de correlação de Spearman entre as sub-escalas de IE e impacto da vitimação, comportamentos emocionalmente abusivos e comportamentos fisicamente abusivos

	Impacto da Vitimação	Comportamentos emocionalmente abusivos	Comportamentos fisicamente abusivos
Gestão de Emoções	-,484**	-,400*	-,417*
Autoconsciência	-,484**	-,410*	-,410*
Automotivação	-,604**	-,405*	-,412*

* $p < 0,05$

** $p < 0,01$

Avançamos ainda para a avaliação da relação entre os níveis de inteligência emocional, a gestão das emoções, a autoconsciência e a automotivação e a idade das mulheres vítimas de violência conjugal e não se obtiveram correlações significativas entre as variáveis supramencionadas. Relativamente à relação entre o tempo de vitimação, as capacidades de gestão das emoções, a autoconsciência e a automotivação dos resultados, verifica-se que não existe uma associação significativa.

Procuramos ainda aferir a existência de alguma relação entre a duração do relacionamento e as capacidades de gestão das emoções, a autoconsciência e a automotivação, sendo que os resultados obtidos revelam que não existe uma correlação significativa entre as variáveis.

Finalmente, para a relação entre as capacidades de gestão das emoções, a autoconsciência, a automotivação e a frequência dos maus-tratos sofridos pelas mulheres vítimas de violência conjugal, os resultados obtidos revelam que não existe correlação significativa.

Quadro 1.2 – Coeficiente de correlação de Bravais-Pearson entre as sub-escalas de inteligência emocional e a idade das mulheres vítimas de violência conjugal e Tempo de vitimação; Coeficiente de correlação de Spearman entre as sub-escalas de inteligência emocional e duração do relacionamento e Frequência dos maus-tratos sofridos pelas mulheres vítimas de VC

	Idade	Tempo de vitimação	Duração de relacionamento	Frequência dos maus-tratos
Gestão de emoções	-,042 ^{ns}	-,044 ^{ns}	-,056 ^{ns}	-,243 ^{ns}
Autoconsciência	-,042 ^{ns}	-,006 ^{ns}	-,112 ^{ns}	-,283 ^{ns}
Automotivação	-,045 ^{ns}	-,034 ^{ns}	-,036 ^{ns}	-,282 ^{ns}

* $p < 0,05$

Procedeu-se à utilização do t-Student para amostras independentes para testar as diferenças significativas entre a capacidade de gestão das emoções e o tipo de situação conjugal da vítima, entre a capacidade de autoconsciência e o tipo de situação conjugal da vítima, assim como entre a capacidade de automotivação e o tipo de situação conjugal da vítima. Os resultados demonstram que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis.

Quadro 1.3 – médias, desvio-padrão e teste t de student em função da situação conjugal para as sub-escalas de IE

Sub-escalas de IE	Situação Conjugal	N	Média	DP	t	P
Auto-consciência	Casamento/União de facto	21	95,24	8,689	0,128	0,899
	Divórcio/Separação	11	100,0	9,788		
Gestão de Emoções	Casamento/União de facto	21	78,62	8,316	0,329	0,744
	Divórcio/Separação	11	78,27	8,113		
Auto-motivação	Casamento/União de facto	21	92,62	7,117	0,474	0,639
	Divórcio/Separação	11	95,27	7,072		

Procedeu-se à utilização do t-Student para amostras independentes para testar se existem diferenças significativas entre a capacidade de gestão das emoções e a existência ou não de dependência económica da vítima, entre a capacidade de autoconsciência e a existência ou não de dependência económica da vítima, assim como

entre a capacidade de auto-motivação e a existência ou não de dependência económica da vítima. Os resultados apurados revelam que não existem diferenças estatísticas.

Quadro 1.4. – médias, desvio-padrão e teste t de student em função da dependência económica para as sub-escalas de IE

Sub-escalas de IE	Dependência Económica	N	Média	DP	t	p
Auto-consciência	Sim	12	65,42	15,58	-1,474	0,151
	Não	20	73,05	13,30		
Gestão de Emoções	Sim	12	68,58	21,27	-1,180	0,247
	Não	20	76,45	16,26		
Auto-motivação	Sim	12	77,91	24,54	-,786	0,438
	Não	20	84,10	19,59		

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados serão apresentados de forma sintética e esquematizada, no entanto as considerações mais relevantes serão particularizadas e analisadas. O presente estudo permitiu relacionar as capacidades emocionais de autoconsciência, gestão das emoções e automotivação com o impacto da vitimação, os comportamentos física e emocionalmente abusivos, bem como, algumas variáveis como idade, tempo de vitimação, duração do relacionamento, frequência dos maus-tratos, situação conjugal e dependência económica.

Vários autores (Pinto, 2009) têm estudado o impacto psicológico da violência doméstica nas mulheres, tendo sido demonstrado que estas apresentam problemas psicológicos generalizados, incluindo depressão, abuso de álcool, perturbações de stress pós-traumático. A violência exercida pelo parceiro afecta também a esfera social da vítima, fazendo com que esta apresente lesões e problemas diversos ao nível da saúde física. Efectivamente, da violência praticada contra a mulher, advém um risco acrescido de problemas de saúde, incluindo dor crónica, incapacidades físicas, consumos de substâncias psicotrópicas e abuso de álcool. Corroborando esta informação, os resultados obtidos demonstram que á medida que o impacto da vitimação aumenta as capacidades emocionais diminuem.

Goleman (1999) revela que a pessoa vítima de violência doméstica tende a anular-se e a não procurar respostas para o seu problema. As suas capacidades (emocionais, cognitivas, comportamentais) ficam reduzidas e tendem a ser aquilo que o agressor quer que elas sejam, ou seja, incapazes de tomar decisões ou reagir perante qualquer

situação. No mesmo sentido as pesquisas realizadas por neurocientistas demonstram que certos padrões de reacção ao medo são organizados de maneira autónoma ou inconsciente pelo sistema nervoso central. Por outro lado, para neutralizar o medo, uma vez instalado, é necessário o concurso de processos cognitivos ou conscientes. O medo que se sente perante o crime causa um impacto negativo na qualidade de vida dos indivíduos, podendo acarretar consequências individuais significativas (Dantas, Persijn e Junior, 2006). No que concerne os comportamentos física e emocionalmente abusivos, também eles se relacionam com as capacidades emocionais neste estudo, à medida que aqueles aumentam estas diminuem.

Portanto, adoptando uma postura educativa, é essencial definir junto da vítima os actos violentos como crimes (físicos e/ou psicológicos/emocionais), explicando-lhe as dinâmicas abusivas (e.g., ciclo da violência) e consciencializando-as sobre as táticas do maltratante, tendo em conta que o momento da revelação/denúncia dos factos é – para a generalidade das vítimas – particularmente problemático, um verdadeiro momento de crise (Walker, *In Machado*, 2004). Neste tipo de casos, pautados pelo silenciamento e por uma vivência “abafada” da dor emocional, a revelação é, ela própria, indutora de uma desorganização no sistema pessoal e familiar (Machado, 2004) independentemente da tipologia do crime perpetrado contra si, pois ambos comprometem a sua saúde mental.

Diner (*In Melo et al*, s/d) concluiu que existe um declínio relacionado com a idade na experiência emocional, tanto das emoções positivas quanto das negativas. Gross *et al* (*In Melo et al*, s/d) destacam que a velhice é frequentemente relatada como um tempo de diminuição das habilidades, mas no domínio da emoção parece estar associada com iguais ou maiores ganhos. Os resultados desta amostra apontam, no entanto, para a inexistência de relação entre a idade e as capacidades emocionais, o que pode eventualmente ser explicado pelo tamanho da amostra.

Uma das capacidades da inteligência emocional (Goleman, 1999) caracteriza-se pela gestão de relacionamentos, pressupondo que quanto maior for o QE mais duradouros serão os relacionamentos. Por esta via se compreende que, tendo em consideração a fragilidade emocional das mulheres vítimas de violência conjugal e a duração do relacionamento, a gestão emocional da amostra em estudo se encontre desestruturada.

Os resultados do estudo sobre as relações existentes entre a saúde das mulheres e as várias dimensões de violência de que tenham sido vítimas (Lisboa, Vicente e Barroso, 2005) demonstram que o estado civil com maior prevalência das mulheres inquiridas é

casada ou em união de facto (71,8%), e os actos de violência mais prevalentes são a combinação de vários tipos de violência (49,5%), seguida da violência psicológica (30,5%) e a violência física isolada (12,8%).

Mais do que a duração do relacionamento ou a situação conjugal da vítima, determinados padrões de interacção conjugal, principalmente aqueles associados com maior adversidade e violência, foram relacionados com distúrbios no desenvolvimento emocional da mesma (Benetti, 2006). Alguns estudos debruçaram-se sobre a questão do divórcio gerar distúrbios e pressões emocionais com taxas mais elevadas, e ao contrário verificou-se que esses distúrbios ou pressões emocionais resultam muito mais da exposição e vivência de maus-tratos do que do divórcio (Benetti, 2006).

As mulheres ao longo da sua vida vão fazendo renúncias em nome do bem-estar familiar, deixando de trabalhar quando os filhos são pequenos e quando eles crescem, por vezes, já é complicado voltar, ou porque se perdeu “o comboio” ou porque surgiram outros problemas do género (Batanete, 2005). Assim, a dependência económica que muitas mulheres sofrem em relação aos seus companheiros, pelo menos as mulheres de extractos sociais mais baixos e desfavorecidos rápido se transforma na violência económica perpetrada pelo marido/companheiro. Esta passa pelo medo da vítima não se conseguir sustentar sozinha ou aos seus filhos, daí que tenha uma atitude passiva face a situações que vive no seu actual lar (Batanete, 2005).

CONCLUSÕES

A inteligência emocional afirma-se como um traço que descreve diferenças inter-individuais, tanto relativas ao processamento e ao modo de gerir as próprias emoções, quer relativas à identificação e à qualificação das emoções dos outros. O interesse em estudar as capacidades emocionais e a sua relação com a violência conjugal justifica-se pela emergente necessidade de aumentarmos o grau de compreensão deste fenómeno, assim como em aperfeiçoar o apoio as vítimas de violência doméstica, através da promoção do reconhecimento, da capacidade de discriminação e de gestão emocional.

Neste encaço, as hipóteses formuladas para a concretização da investigação foram descritas como a probabilidade dos sujeitos com pontuações mais elevadas nas sub-escalas de autoconhecimento, gestão das próprias emoções e de reconhecimento das emoções dos outros, apresentam um menor impacto de vitimação, uma menor frequência dos episódios de maus tratos físicos e psíquicos e a inexistência de diferenças de pontuações nas sub-escalas de autoconhecimento, gestão das próprias

emoções e de reconhecimento das emoções dos outros em relação à idade das vítimas, ao tempo de relacionamento com o agressor, à duração temporal da vitimação, à situação conjugal, à dependência económica e à frequência dos maus tratos.

Com base nos resultados obtidos verificamos que níveis mais baixos de capacidades de reconhecimento, discriminação e gestão emocional se relacionam com níveis mais elevados de impacto de vitimação e frequência de crimes físicos e psíquicos. Deste modo, as conclusões obtidas na investigação propõem-se a intervenção psicológica, uma vez que reconhecem elevada importância às capacidades emocionais em contexto de violência conjugal. Recordamos, a propósito, que Goleman (1999) concluiu que nas famílias em que os episódios de violência doméstica ou maus tratos são uma constante, vítimas e agressores não demonstram possuir capacidades de controlo sobre as emoções, facilidade em estabelecer relações interpessoais saudáveis e, portanto, dificilmente atingem a realização pessoal e a felicidade individual e familiar.

Em investigações futuras poderia associar-se à esta temática o contributo da psicopatologia e procurar verificar-se a existência de alguma relação com as capacidades emocionais, visto que existem perturbações psicopatológicas mais associadas às mulheres vítimas de violência doméstica, tais como a depressão, a ansiedade e a perturbação de stress pós-traumático. Outra proposta que poderia enriquecer a produção científica, neste contexto de investigação, seria um estudo com agressores, bem como com adolescentes.

Segundo Alarcão (2002) todo o casal é composto por três elementos: eu, tu e nós. Cada elemento do casal possui sentimentos, desejos, valores, atitudes, comportamentos individuais, correspondentes às características físicas, cognitivas, emocionais e morais. O nós corresponde ao projecto conjunto do casal, às suas histórias familiares, à comunidade e à sociedade envolvente. Assim, considerando todos estes factores o casal tem que procurar a sua identidade, partilhando e negociando posições, na procura de um modelo comunicacional favorável a uma relação positiva.

Este é o conteúdo a propor aos casais “problemáticos”, com acções de carácter preventivo e de sensibilização, abordando os aspectos práticos que envolvem os relacionamentos e salientando os aspectos emocionais que tanto qualificam as disposições e acções do ser humano. Urge promover a formação junto de vítimas e agressores relativa às estruturas da inteligência emocional, de modo a que seja possível uma detecção mais precoce de situações de vitimação e uma acção mais direccionada e adequada às fragilidades emocionais de cada indivíduo. Em síntese, esperamos ter

contribuído para o reconhecimento e a valorização das competências subjacentes à inteligência emocional em mulheres sujeitas a violência conjugal.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(des) Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Batanete, D.H.O. (2005). *Violência Doméstica*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Batista, J. e Freitas-Magalhães, A. (2010). *A Neuropsicofisiologia do Medo: A capacidade de reconhecimento e identificação em lesões cerebrais*. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito Conjugal: Impacto no Desenvolvimento Psicológico da Criança e do Adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (2), 261-268.
- Blázquez, A. e Moreno, J. (2008). Análisis de la inteligencia emocional en la violencia de género. *Revista Electrónica de Investigación Psicoeducativa*, 15(6), 475-500.
- Branco, M. A. R. V. (2005). *Competência Emocional em Professores*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Dantas, G.F.L.; Persijn, A. e Junior, A. P. S. (2006). *O medo do crime*. Retirado da Web a 20 de Agosto de 2010: [www.observatorioseguranca.org/pdf/01%20\(60\).pdf](http://www.observatorioseguranca.org/pdf/01%20(60).pdf)
- Ferreira, M.E. (2005). *Da intervenção do Estado na Questão da Violência Conjugal em Portugal*. Coimbra: Edições Almedina.
- Gardner, H. (1988). "The Theory of Multiple Intelligences: Educational Implications". In *Language and the world of work in the 21st Century*. Massachusetts Bureau of Transitional Bilingual Education.
- Goleman, D. (1995). *Inteligência Emocional*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Goleman, D. (1999). *Trabalhar com Inteligência Emocional*. Lisboa: Temas e Debates.
- Goleman, D. (2003). *Inteligência Emocional*. Lisboa: Temas & Debates.
- Gonçalves, R. A. e Machado, C. (2005) *Psicologia Forense (2ª Parte)*. Coimbra: Quarteto Editora.
- González-Pérez, J. e Criado, M.J. (2003). *Psicología de la Educacion para una Enseñanza Práctica*. Madrid: Editorial CCS.
- Hollin, C.R. (2001). *Handbook of Offender Assessment and Treatment*. England. Wiley Editorial Offices.

- Joseph, D.L. e Newman, D.A. (2010). Emotional Intelligence: An Integrative Meta-Analysis and Cascading Model. *Journal of Applied Psychology*, 95 (1), 54-78.
- Lisboa, M.; Vicente, L.B. e Barroso, Z. (2005). *Saúde e Violência contra as Mulheres: estudo sobre as relações existentes entre a saúde das mulheres e as várias dimensões de violência de que tenham sido vítimas*. Lisboa: Direcção-Geral de Saúde.
- Machado, C. (2004). Intervenção psicológica com vítimas de crime: Dilemas teóricos, técnicos e emocionais. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 4 (2), 399-411.
- Machado, C.; Matos, M. e Gonçalves, M. (2006). *Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (E.C.V.C.) e Inventário de Violência Conjugal (I.V.C.) – Escalas de avaliação e manual*. Departamento de Psicologia: Universidade do Minho.
- Madeira, S.M. (2007). *Auto-percepção das Competências Emocionais – Estudo com um grupo de Enfermeiros de Cuidados de Saúde Diferenciados*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Marques, A.P.T. (2009). *A Violência Doméstica: A intervenção dos técnicos de acompanhamento na construção de projectos de vida alternativos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto.
- Melo, C.; Cosme, E.; Garcia, F.; Campagnaro, L.; Mattanó, L. e Tokumaru, L. (s/d). *Idade e Emoção: Um estudo acerca da Percepção Emocional*. Éticas e Cidania: III Congresso de Capixaba de Formação e Actuação do Psicólogo.
- Noronha, A.; Primi, R.; Freitas, F. e Dantas, M. (2007). Análise dos itens do *mayer-salovey-caruso emotional intelligence Test*: escalas da área estratégica. *Psicologia em Estudo*, 12 (2), 415-422.
- Pinto, J. M. C. (2009). *Impacto psicológico e psicopatológico da violência conjugal em mulheres vítimas acolhidas em casas de abrigo. Estudo exploratório em duas casas de abrigo do Grande Porto*. Tese de Mestrado, Universidade do Porto - Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Porto, Portugal.
- Winters, J.; Clift, R. J. e Dutton, D. G. (2004). An Exploratory Study of Emotional Intelligence and Domestic Abuse. *Journal of Family Violence*, 19 (5), 255-267.